

de gobelin que se mantinha sustentada e que pro-
meuente está toda gravada sobre um dos lados
da mesma porta. (Pausa). E logo se apressa
suavemente que penetram na scena uma moça
loira de 22 a 23 annos, e uma hechora de cinco
enta annos, mais ou menos. A moça veste um
elefante vestido de noite, as costas nuas, e vem em
volta de uma capa de rudas portas. A hechora
veste um costume de tafeta preto com gola e
punhos de ruda chás, um chapio ^{de palha} inver-
nada, ~~preto~~ com plumar da mesma cor. E por da ^{de} baia

Mimmi - Você nunca mais me obriga a tirar o Chapio
~~de~~ mimma, de contrario não lhe acompanharei
mais (accide a lua da mesa de cabeceira)

Ella - (Pando a lua gargalhada) Ora Mimmi você fi-
cou tão contrariada por não praça coisa. Afinal de
contar você bem viu que si tivesse ficado de cha-
peu teria sido a mesma entre as sentenças de
peitões que estavam no Theatro. E depois Mimmi
não se seja estar de chapio num concerto de
fala. (Tira a capa de rudas e põe a sua cauda
de cauda)

Mimmi - E que tenho eu que não ~~seja~~ parte
culpa nenhuma que ~~seja~~ a sociedade seja
idiota. Obriguem uma hechora a tirar
o chapio para ouvir seu homem tocar vio-
lino!

Ella - Não, Mimmi, decididamente você não
quer comprehender. Você sabe o que é isto?
Impertinencia. E depois você fica gan-
hada quando eu digo que você está fi-
cando velha. (Começa a tirar as fijas e solta
a as sobre a lua das suas de cabeceira)

Mimmi - Velhos são os vapores e mesmo assim
bastante elles nos servem.

Elsa - Sim, para fazer potaplaninas, para
esfriados (Ri)

Mimmi - (Mafogada) Digo logo, claramente que
você quis insinuar (Chora)

Elsa - Ora, Mimmi, vamos, que é isso? Então
você não me quer dar o direito de fazer meu
pacoada com você? ~~Então não me acusite~~
que eu tenha querido magoal-a? Yuro-lhe
que não tive esta intenção. Você bem sabe
que depois de meu Pai é o você que eu
mais quero ~~ver~~ verida. É poderia ser de outra
forma? Não foi você a Mãe que eu soubera?

(Enxuga-lhe os olhos e beija-a) Vamos, Mimmi,
sorrir para mim. (Mimmi sorri). (Mudando
de assunto, propositalmente) ^{Escute aqui, Mimmi} Você reparou
~~Mimmi~~ como aquele velho do ~~caso~~ ~~este~~ ~~fron~~
teiro do nosso olhava para você?

Mimmi - (Zangada) Deixe-se de bobagens, me
nina.

Elsa (dando uma gargalhada) Você não foi
fofo porque era um velho, se fosse um moço
a teria ficado satisfeita, não? (Pega-lhe o
queixo). Escuta, Mimmi, que concerto foi
mudavel, hein? Como toca bem, aquele
homem!... Na "Morte de Lysim" as lágrimas
danzaram em cantos dos meus olhos.
(batem doze badaladas)

Mimmi - Bem, vamos tratar de dormir. É já bastante

Tarde. Vouha despir-se, aude.

Ella - Minha noite Mimi? Era que peia, perdi o programma do Clóvis Barroso. (Como para o radio e liga-o (ouve-se a voz do Speaker))

Speaker - E agora, amigos, ouvintes, como ultimo numero do seu programma de hoje Clóvis Barroso cantará a valsa "Corriça" com acompanhamento musical da Orquestra do P.R.C. 2.

Ella - que bom, ainda alcança o ultimo numero (ouve-se a valsa) Mimi corra de canto bem

(Ella escuta a seu beccida e quando Mimi começa a arrumar as folhas dentro de um pequeno copo que colloca na gaveta de uma das mesas de cabeceira. Corre para depois a papa de dentes e vacua o quarto de vestir onde tira do guarda roupa um lindo pyjama de seda brilhante preta e um peinois de fazê com de riza que colloca sobre o biondo. A este tempo a saucha terá terminado e ao recommear a voz de "Speaker" Ella desligará o radio).

Ella - Eu voz, Mimi, que voz... Eu fico louca! E' uiconfundiavel. Eu seria capaz de reconhecer mesmo a uma enorme distancia.

Mimi - Vouo dormir, menina, é tarde.

Ella - Mas não é mesmo uma belleza a voz delle, Mimi?

Mimi - Não vejo nada de extraordinario, acho igual a todas as outras.

Ella - Era Mimi, voce está numa ita de accordo comisso. Mimi, telefona para a saucha.

Mimi - Para que, menina?

Ella - Chame o Clóvis Barroso ao telefone.

Mimmi - Você esqueceu, Elsa?
Elsa - Vá, Mimmi, faça o seu estouche perdido.

Mimmi - Mas para que que vou trazer este homem ao telefone! Que é que eu vou dizer a elle?

Elsa - Não será você quem diga, será eu.

Mimmi - Mas o que é que você vai dizer a este homem, Mimmi,

Elsa - Que adora a voz de elle e que seccio por conhecê-lo.

Mimmi - Mas isto é uma declaração amorosa! você não se envergonha, mimmi?

Elsa - Envergonhar por que?

Mimmi - Que horror, meu Deus! Quando que no meu tempo uma mulher ligava o telefone para um rapaz e dizer coisas desta natureza, Credo! (beuzo-se).

Elsa - (Dá uma gargalhada) Ôia, Mimmi, as coisas hoje não são como antigamente. Tudo mudou. No seu tempo os noivos recusavam-se, era feio.

Mimmi - Não sabiam não? Não estavam não na sala, quanto mais saber. E não é que essa moça usava um vestido que decote como este com as costas descobertas. Por mais um pouco...

Elsa - O que é modo não me lembro da
muito querida. E o que não resta da
vida nenhuma é que hoje os homens
já não se arrumam a casa com meias
de pernas tortas ou poéticas como os tem
po das saias de balão.

Mimmi - Na verdade. Mas em compensação,
da forma que as coisas estão hoje,
um homem ~~nada~~ não encontra nada
novo na noite do casamento...

Elsa - Bem Mimmi, queres ou não queres
fazer a ligação que te pedi?

Mimmi - Que remedio! Qual é o numero.

Elsa - 2503.

(Mimmi ~~deixa~~ vai ao telefone e diz)

Mimmi - Alô! Quem fala? O Sr.

Elsa - Clóvis Barroso.

Mimmi - Clóvis Barroso pôde vir ao tele-
phone? Faça o favor de chamar.
(Passa o phone para Elsa)

Elsa - (após uma pequena espera) Alô. É
Clóvis Barroso quem fala ali? Aqui é
uma admiradora da sua voz bellissima.
Quero a qualquer e cada vez com maior
evidentemente. Como? O meu nome
pouco adelantado diz: Che, o Senhor
não me conhece. É? Faz tanta questão
assim? Bem. Dê-lhe, ei, mais, como

4
sua condicão. Do Sr. vir fazer-me uma
serenata. Vale? Mas eu lhe clareo o endereço, e'
claro. Promette que fará? Esta noite mesmo?

Porque? O seu phisico não corresponde?
Ora, deixe dicto. É? (Ri) Meu Deus,

tão feio assim? Pois ponha uma máscara.
Eu prometto que não lhe pedirei para Tirar-a?

Vem, então? Amantã? Porque não hoje?
Está com medo? Pois muito bem, amantã,
então. Não tenha receio que não lhe tirei

a máscara. Tome nota. Villa Mariana
É na estrada que vai a Spacena, do lado el-
querdo. Sabe onde é? Muito bem. Então, até

amantã. Muito obrigada. É muito amavel.
Até amantã. Couro? Não. Não ha perigo. Eu

não deixarei saltarem os calchos para que
o Sr. possa saltar mesmo por baixo da ja-
sulla do meu quarto. É ~~uma~~ ^{uma} ~~faça~~ ^{faça} sacada

da esquerda, à direita. Admissinho, até amantã.
E mimimi (que ouviu toda a conversação abanada
do a fábrica e fazendo sinais da Cruz)

— mas o que dirá seu Pai a tudo isto,
meuira?

Elsa. Só terá que concordar porque não ha
mal nenhum. Mimimi, eu estou
apaixonada. Elle diz que é feio que tem

uma cicatriz no rosto e que a sua voz
foi do microphone e completamente

sem eucanto mas eu não posso sair.

Mimmi - bem, mimmi ^{deve este homem} ~~deve este homem~~ deitar-se que
é muito tarde. (Ela dirige-se com mimmi para
o quarto de vestir. ~~Alto~~ Acende as luzes que
ladeiam o grande espelho, de forma que aquella
peça fique bastante mais clara do que o quar-
to de dormir que illuminado apenas com a
lampada de tabacaria devesá ficar na pen-
umbra. Mimmi colloca o bionibis de formas
que só se percebe a silhueta das duas. ~~Contra~~
Ella começa a despir ~~auxiliada~~ auxiliada por mimmi,
vestindo em seguida o pyjama e o peignoi que
~~mimmi~~ ^{ella} pendurados no bionibis. Comeu que
estava atraz da cortina abri a janella com to-
do o cuidado e sai para o jardim eucanto
as duas permanecem conversando.

Ella. Cumanhá, Mimmi, você deixará uma
garrafa de champagne e uns bombons
ali na mesa do meu quarto, ou não?

Mimmi - Para que?

Ella - Para nós tomarmos.

Mimmi - Mas você bem sabe que o alcool
me faz mal, por que quer obrigar-me a
tomal-o?

Ella - Você não precisa tomal-o. Tomaremos
nós.

Mimmi ~~Eu e o Chris?~~

Mimmi - (Eu?) ... ^{Ella - eu e o Chris} Você pensa manda este
homem entrar aqui ^{no seu quarto?} Você e o Chris, mimmi,
mimmi, credo! (benz-se).

Ella - Que é que tem isto de mais, mimmi?

Mimmi - (Vronicá) Nada. Meu homem

entra as duas ou tres horas da madrugada
no quarto de uma noiva. Estão juntos, bebem
champagne, tomam bombons e não há nada
de mal.

Elsa - Mas onde está o mal, qual é o mal?

Mimi - Ora, meu pai disse de ser infame!
E isso é uma loucura, ^{e mais do que fofura} e um perigo!

Elsa - Mas onde é que está o perigo, Mimi, dia?

Mimi - No champagne.

Elsa - (dando uma gargalhada) Como se eu
não estivesse habituada a tomar champagne.
Julgas talvez que me vá embriagar?

Mimi - Não divida nada. Acho mesmo que
já está. Não Elsa, eu não concordo.

Elsa. Obrigada!

Uma noite de luar... Uma mulher bonita...
Champagne... e um homem que sabe cantar.
Café em três copos... (Françês)
Não, minha filha, eu não concordo!

Elsa - Bem, Mimi, não adianta estarmos a dis-
cutir uma coisa sem importância.

Mimi - Sem importância? Tu chamas a isto
uma coisa sem importância? Estão um
homem e uma mulher, lua, champagne...
coisa sem importância? Tu estás louca
minha filha, completamente louca.

(ambas voltam para o quarto de dormir
depois de Mimi haver apagado as luzes
do toilette. Abre a cama e Elsa se deita.

Mimim põe-a completamente aberta a luz da
luz da calçada, e abre a cortina da porta
sextavada) &

Mimim - Que os olhos a respirar e ~~trabalhar~~
sem de ver as ideias malucas.

Elsa - Está bem, Mimim até amanhã

Mimim - Até amanhã, (Sae)

(Elsa levanta-se e abre a cortina da porta
e enquanto o luar bate ~~luz~~ de chuva
debaixo ~~de~~ ~~luz~~ a silhueta no fundo claro
da janela, canta, fazendo a confissão do
seu amor por um desconhecido)

• É a cortina como com os últimos acordes da canção
Tua de formoso tempo

2º Tempo

No abrir a cortina a scena está iluminada
da apenas pelo luar que se escôa através
do vidro da grande porta. Elsa está dor-
mido. O relógio de uma torre forquiva
bate as tres horas da manhã.

Ouve-se um cachorro acoar ao longe, e
após uma pausa, uma voz rompe a serenata
do lado de fora da janela. Quando esta já
vai em meio Elsa ~~acorda~~ e senta-se na
cama, estasiada ouvindo a serenata. Ao
tempo que ella termina Elsa, já de pé procura
olhar o jardim através do vidro da janela.
Como nada consegue ver abre-a e chega até o
balcão, supprimente sorridente para fora e

é far signal ao crenteiro para que a espere.
Vem ao quarto de vótro e enquanto desce
uma rosa entre as muitas que ha fusti a fra
de espelho, um homem de escuro e marcado
galga o balaço penetrando no quarto. Elba se
sufocando ^{mas procura affectar calma} & fallando (he uiquita)

Elsa - Parece-me um pouco excessiva a ^{Sua} ~~noticia~~ ⁱⁿ⁻
firmidade para um primeiro encontro, não
é verdade?

Elle - Talvez, senhorita, entretanto eu não lhe pedirei
desculpas do meu modo de proceder porque
devo a si mesma a grande curiosidade
de conhecê-la bem de perto, curiosidade esta
que nasceu desde que recebi a sua tele-
phonada, ha tres horas apenas.

Elsa - Entretanto, naquele momento o Sr. não pa-
recia muito disposto a attende o meu pe-
dido. Dissic^uati que havia um compromisso
que o impedia de attende-lo.

Elle - (inducido) Um compromisso? (Procurando
corrigir) Ah! Sim, é verdade, tinha um
~~um~~ compromisso, sim. ~~verdade~~ Não vê
que a senhorita fallou assim em tempo
nisto eu tive a infôrta de que o Sr.
~~ita~~ fazia allusão a um ^{especie} ~~compromisso~~
differente de compromisso.

Elsa - Como differente?

Elle - Assim... quero dizer....

Elsa - Falle claramente

Elle - Um compromisso assim como por
exemplo, uma mulher, ou melhor uma...

Amante

Elsa - De qualquer forma seria uma mulher.

Elle - Mas não é.

Elsa - E que especie de compromisso era esse então?

Elle - (Indeciso) Era... era... uma outra serenata.

Elsa - (Com agudismo) Ah!... bem. Uma outra serenata. Quer então dizer que o Sr. é dedicado a este genero de esporte?

Elle - Não senhorita. É que a gente às vezes não pôde dizer que não. Ellas telefonam pro Radio pedem a gente, imploram. Chegam quasi a chorar no telephone, a senhorita comprehende o que é que a gente vai fazer?

Elsa - Se o senhor não estivesse de mascara eu levaria as suas palavras a conta de ~~uma~~ delicadeza mas deixo de fazê-lo porque comprehendo que o Sr. não mascara somente o rosto ~~mas~~ também faz o mesmo com a sua alma. Quer mostrar-se diferente do que realmente é. Ele homem que panta como o senhor que empresta as minhas aquella sentimentalidade extraordinaria na qual o Sr. empresta não pôde ser o homem que me falla desta forma neste momento.

Elle - Senhorita, perdão-me. Eu ^{parece que} tenho sido bastante irreflectido nas minhas palavras.

Elsa - Sorrieste nas palavras?

Elle - Tem razão, Senhorita, a minha attitude escalando esta janela e penetrando no seu quarto de dormir é de uma irrelexão a toda a prova. Eu ~~me~~ me confesso arrependido, peço-lhe um perdão e retiro-me bastante pesaroso com a impressão desagradavel que de ora em diante guardará de mim.

Elsa - ¹⁴Esta nas suas mãos de manchar esta impressão antes de partir.

Elle - De que forma, diga. ^{parece diff}

Elsa - ^{Os, manchar, o seu rosto e a sua alma profundamente} Tire a máscara e mostre-se tal qual é. Aquelle mesmo cuja voz eu escuto ~~thru~~ ~~de~~ ~~suavemente~~ todas as noites, a través do radio, cheia de suavidade.

Elle - Muito bem, Senhorita. Eu tirarei uma das suas mãos e peço-lhe permissão para conservar a outra. É necessario, creia.

Elsa - ^{Pois bem} Mas quereria dar-me o direito de escolher qual das duas máscaras devesi tirar?

Elle - (Indeciso). Já não me seria possível negar, Senhorita.

Elsa - Eu desejava ver o seu rosto.
(Elle permanece quieto, calado e depois falla)

Elle - Seja, Mas... acredite que me decepcionou. Agora serei eu quem levarei uma impressão differente daquella que desejaria levar. Entre conhecer o exterior de uma mulher ou a ~~uma~~ ^{uma} ~~profundidade~~ ^{profundidade} da sua alma eu optaria sempre por esta ultima condição. Enfim, como de qualquer forma não nos tomarmos a ver seja feita a sua vontade (vai tirar a máscara mas ella corre para elle impedindo-o)

Ella - Não Clovis. Mostre-me a sua alma.

Elle - Agradeço - lhe, Senhora, porque me dá uma decepção bastante profunda, creia.

Ella - Não me chame Senhora, chame apenas Ella.

Elle - É que nos conhecemos há tão pouco

Ella - (brincando) O que não impediu entretanto, que o Senhor entrasse no meu quarto de dormir.

Elle - Vejo que a seu vez Elsa não me fez. dou esta audácia.

Ella - Peço-lhe que não brinche. Eu fôz-te dos homens audazes. Eu pretendia mandá-lo entrar, não pela janela, e claro mas de qualquer forma pensava recebê-lo aqui. Tinha até ~~isto~~ mesmo dito a minha ama, a Mimmi que deixasse uma garrafa de Champagne e uns bombons aqui no quarto.

Elle - E ella não deixou?

Elsa - Não porque não o esperavamos esta noite.

Elle - Ah! é verdade eu disse que vinha amanhã, não foi?

Elsa - Disse.

Elle - Pois é eu disse. E agora ficamos sem os bombons e sem a Champagne.

Ella - Não ficaremos nada. Vou acordar a Mimmi e ella nos servirá. Com licença neste momento, sim?

Elle - Pois não, a vontade. (Ella sai). (Elle corre para a janela onde está o cofre, abre-o, permanece um momento indeciso sem saber

Si as rouba ou as deixa, ficam. Consegue abrir
tir momentaneamente a tampa botando-as
novamente no cofre e fechando. Mas a voz
de Elsa ressurte e elle abre rapidamente o
cofre tira ^{algumas} das folhas botando no bolso e
colloca o cofre novamente no lugar vindo
sentar-se onde estava antes. (Ella entra sor-
riente.)

Elsa - Já vem ahí a champagne.

Elle - A senhora é muito gentil

Elsa - Trate-me de Elsa, simplesmente. Despe-
se-me a cerimonia. Ella, seria melhor
fuma minha vez que ~~permanece~~ ^{permanece} ~~no~~ ^{no} ~~meu~~ ^{meu} ~~quarto~~ ^{quarto} de dormir.

Elle - Pois muito bem, Elsa, você é devesas
sua cantadora. Fica que estou encantado
com a sua belleza, a sua simples naturalidade,
a sua maneira de pensar, de proceder.

Elsa - (intencionalmente) Eu sou assim tal qual
sou eu. Na solidade como dentro de meu
quarto de dormir sou sempre a mesma
(frizando) Não uso mascara.

Elle - Tambem eu gostava de não precisar
usar a... mas ha um motivo que me
obriga a isto

Elsa - É tão forte este motivo que não lhe
permitta tirar a meu momento a minha?

Elle - É fortissimo, Elsa, mais tarde você
compreenderá.

Elsa - Mais tarde?

(Ella sorri e começa a servir a champagne)

Mimmi - O Sr. veio de algum baile de mascarar?
moss?

(Ella dá uma gargalhada.)

Elle - Não, minha senhora. Foi numa festa condi-
ções que combinamos e que faço questão de
manter.

Mimmi - Pois o Sr. não é nada ^{aproveit} agradável ^{para}
ca de um homem ^{que} ^{se} ^{parece} ^{com} ^{os} ^{que} ^{estão} ^{nesta} ^{noite} ^{em} ^{casa}.
~~Estão, não?~~ Tenho horror as máscaras.

Elle - Não - lhe medo?

Mimmi - Não me sempre a impressão de que
me encontro diante de um malfeitor,
de um ladrão...

Ella - Ora, Mimmi, que ideia. (Traz uma
taça de champagne para elle e outra
para ella. Em quanto bebeu Mimmi
vai á mesa de cabeceira e, disfarçada
mente, tira o cofre das joias levando-o
para o quarto de vestir e fechando-o no
volta ^{para} ^o ^{quarto} ^{de} ^{vestir} ^e ^{fechando-o} ^{no}
guarda ^o ^{cofre} ^{das} ^{joias} ^{levando-o} ^{para} ^o ^{quarto} ^{de} ^{vestir} ^e ^{fechando-o} ^{no}
ter de beber). A saide do autor ^{para} ^o ^{quarto} ^{de} ^{vestir} ^e ^{fechando-o} ^{no}
teiro da cidade.

Elle - Oh sua felicidade.

Ella - (Pensativa, repetindo as palavras delle)
A minha felicidade... O que é que você
considera felicidade, Clóvis?

Elle - Realmente ~~tem~~ tem a felicidade de nascer rica, e posto que quer o que se riqueza lhe pôde proporcionar sem se ultrapassar os limites com conforto, sem usar seu luxo excessivo que é nunca affronta ao que existe na América.

Ella - Diga-me, Covis, o que é que você considera excessivo?

Elle - Tudo aquillo que é superfluo.

Ella - Por exemplo?

Elle - (Apontando para a cama) lençóis de seda, peller de alto custo, e as foias, principalmente as foias que utilidade ellas tem, dizem-me? Nenhuma. Servem apenas como ~~distintivo~~ ^{distintivo} para mulheres ricas.

Uma mulher bonita como você não necessita de um collar de perolas, nem de ~~brilhantes~~ ^{brilhantes} ~~brilhantes~~ ^{brilhantes} uma pulseira de brilhantes para realçar a sua belleza e as grandes sommas dispendidas neste adorno muitas serviram para levar a felicidade ao lar de muitos e muitos desgraçados.

Ella - Você está se revelando um grande sentimental.

Elle - ~~Devo~~ Cumpro apenas o que prometti, mostro a mihi alma sem mascara.

Ella - Mas persiste em manter o rosto mascara rado, dizendo-se feio. Um homem que tem sua belleza de alma como a sua não necessita de um rosto bonito.

Elle - Não forme juizo algum sobre a minha pessoa
por ^{por. gra} ~~gru~~ ^{deixei} ~~paço~~ ^{faço} e suas adições quan-
do me tiver conhecido melhor.

(Gatou cinco badalados. Elle levanta-se
sobresaltado) Cinco horas de manhã, preciso
partir.

Ella - Promette voltar?

Elle - Não sei. Talvez volte algum dia.

Ella - Sem mascara?

Elle - Talvez. Nada posso prometter neste momento.

Ella - ~~Falso~~. É possível que repetindo a sua
visita e fallando novamente sobre a inu-
tilidade das fias de alto preço e de todo o
bem que o valor dellas poderia espargir a tan-
to desperçados se fizessem as minhas fias.

Elle - (Significativamente) Para isto não seria
necessario eu voltar aqui, effiauzo - Che.

Ella - Confie demais na bondade dos meus senti-
mentos.

Elle - Adeus Ella, (aperta-lhe a mão de modo clamoroso)

Ella - Adeus. (Elle vai despidir-se de mim
mas ella está roncando, sentada na cama)

Elle - Não vale a pena acordal-a novamente.
(Sae pela janella). (Ella fica a olhar-lo de
balcão e depois canta uma romansa em
que declara a sua grande paixão por aquelle
homem suavisado e o pauro viu descendo
pouco a pouco a ultima accida da romansa.)

2º Acto

Apresente: numeroso gabinete de trabalho do Capitalista
 Alvaro Sousa, Paço de S. A. Seu bureau - ministro
 de ordem q'atada, um torço de nobelias e
 uma ~~estante~~ ^{estante} para livros. Nessa altura de um
 for e meio, ^{ni se ou mesmo} dedicando toda a peça, tendo na
 sua parte superior - estruturas e objectos de arte.
 Uma mesa pequena com uma machina de escrever
 e sentado nella um rapaz bem vestido, de 23 a 24
 annos, mais ou menos. E Gabriel, o secretario do
 Capitalista Alvaro Sousa. Das horas da manhã.
 O telephone toca. Gabriel suspende a carta que
 estava dactylografhando e vai attendel-o.

Gabriel - Alô? ... Da casa do Sr. Alvaro Sousa
 & secretario do Sr. Alvaro Sousa falle aqui.
 Ah! e o Sr. Delegado? Bom dia, como passou
 o Sr. Seu senhor, fui eu mesmo. Tratando de
 um roubo, Sr. Delegado, um enorme roubo de
 joias. A Suihota Elsa foi roubada das
 joias mais finas que possuia. Um collar de
 briller perolas, um solitario recia pulsera de
 brilhantes, dois broches, ^{contendo joias menores,} e outros contos
 mais ou menos. Pois não, Sr. Delegado,
 pode ver, como não. Eu avisei a Sr. Alva
 re. (desliga). (Toca uma sueta que ha
 sobre o bureau. Aparece um criado velho,
 de suetas completamente brancas)

Creado - Chamou?

Gabriel - Seu senhor, disse ao Sr. Alvaro que o Sr.
 Delegado telefonou avisando que virá
 agora aqui.

Creado - Seu senhor (Sae)

(Gabriel volta a sentar-se na cadeira e conti-
nua a escrever o facto. P. Mimiú, agitado,
nervoso e pormenorizado procura qualque coisa
insistentemente. Gabriel pára o que estava fazendo
e procura a olhar com curiosidade. Ao fim de
um momento falla).

Gabriel - Bom dia, P. Mimiú.

Mimiú - (sem olhar para elle) Bom dia. (continua
procurando)

Gabriel - O que é que a Senhora está procurando
P. Mimiú?

Mimiú - Um livro.

Gabriel - (apontando as estantes) Não se vê um
livro?

Mimiú - Não seja bobo, senhor.

Gabriel - Desculpe, eu pensei que servisse qualque
livro. Diga-me que livro a Sr.ª procura,
falarei em favor da bibliotheca.

Mimiú - É a Historia de Maria Antonietta que eu
quero aqui. Quero ler o conto de Collar.

Gabriel ^(surpreso) - Percontia que o Ladião de Collar da Senhora
Elsa seja o mesmo que roubou de Maria
Antonietta?

Mimiú - Idiota! Cruzes. (beuzo-se) Eu quero sa-
ber se a forma porque elle foi roubado. O nome
eu já sei. Aquella para nunca ter saído.

Gabriel - O que? A Sr.ª sabe quem roubou as
joias da Sr.ª Elsa?

Mimiú - (atrapalhada) Eu não sei nada.

Gabriel - Como não sabe se a Senhora acabou de
 avisar que sabia quem era o ladrão.

Mimmi - Do collar de Maria Custodieta, foi que
 eu quis dizer.

Gabriel - Ah! (ironico) Ah! a Senhora conhece
 o ladrão do collar de Maria Custodieta.
 Parabens, D. Mimmi, a sua seta muito conser-
 vada. Não representa a idade que deve ter.

Mimmi - O senhor é muito antipathico Quirin?
~~Antipathico!~~... (Sae) (Gabriel continua
 a escrever) (A campainha da sua teca. O modo
 atravessa a scena e vai attender a porta. Elle
 seguida volta, annunciando).

Creado - O Sr. Delegado de Policia. (O delegado entra)
 (Gabriel levanta-se para recebê-lo, fazendo seu
 fôr).

Delegado - Bom dia!

Gabriel - Bom dia, Sr. Delegado, tenha a bondade
 de sentar-se. O Sr. Alvan vem já,
 (dirigindo-se ao empregado)
 Avise ao seu patrão que o Sr. Delegado está
 aqui. (O empregado sai).

Delegado - Antes de destacar os investigadores que
 deverão tratar deste caso eu fiz questão
 de ^{me} conversar pessoalmente com o Sr. Alvan
 para conhecer mais detalhadamente
 as circumstancias que rodeiam o facto.

Gabriel - É devida lamentavel, Sr. Delegado, o que se
 deu. A Ruborita Elsa está incriminavel.

Delegado - Não é para menos. (Entra o Sr. Alvan
 de Souza. É um velho de cabeça bem branca
 mas de physionomia relativamente jovem.
 Veste um roupão de seda branca por cima de

meu pai me trouxe de volta).
Delegado (levantando-se) Como vai o meu caso
amigo?

Alvaro - Bem, delegado, e você?

Delegado - Bastante fatigado. Tenho tido muito
que fazer ultimamente.

Alvaro - Pois meu caso acabou, parece-se que
seja uma causa extraordinária aqui, esta noite.

Delegado - Já fui informado do facto, em poucas
linhas, aqui pelo seu secretario. Mas não
há nenhum indício do roubo, não desconfiamos
de nenhum dos criados da casa?

Alvaro - Não. Os criados, com excepção da
Kamariem que está conhecida há quatro
ou cinco meses, são todos muito antigos
e de absoluta confiança.

Delegado - E as jóias, onde estavam guardadas?

Alvaro - Minha filha esteve ontem à noite, em
companhia de sua mãe num concerto
de violino. Voltaram para a casa à
meia noite e as jóias foram guardadas
como de costume num cofre de prata que
ella possui. A sua mãe guardou o cofre
dentro de guarda roupa, fêz-lhe a chave
e esta manhã o cofre appareceu sem falta
das jóias de maior valor.

Delegado - Não roubaram todas, então?

Alvaro - Não, recolheram as mais valiosas,

Delegado - Mas o guarda roupa amanchou abri-
to ou amolecido?

Alvaro - Não senhor, fessado e o cofre no mesmo
lugar em que foi posto.

Delegado - É extraordinario!... (Pausa) Pois
meu caro amigo, eu desejava conversar um
instante com a sua filha para fazer-lhe
algumas perguntas.

Alvaro - Você vai desculpar mas... no momento isto
não é possível. Elsa, entendi-la, está tão
abalada, tão nervosa, que se recusa a receber
quem quer que seja. • Meu mesmo ^{eu} ~~permissão~~
entras no quarto. E depois, disse ~~minha~~
que é tão grande o seu abatimento que
ella não fala. Estou certo de que o meu
amigo não ^{compre} ~~adecantaria~~ nada ^{em} ~~fallando~~ ^{com} ~~che~~.

Delegado - Mas meu caro Alvaro, você comprehende
que de qualquer forma eu necessito interro-
gala.

Alvaro - Seria inutil, meu caro, eu conheço bem
a minha filha. Ella não daria uma
palavra.

Delegado - Bem, neste caso esperemos que se acal-
me um pouco para iniciarmos as
investigações. Esta tarde destacarei dois
investigadores que virão aqui examinar
o local do crime e deixaremos o interro-
gatorio para mais tarde um pouco.

Sabriel - Sr. delegado permite uma suggestão
minha?

Delegado. Pois não, falle.

Gabriel (virando-se para Alvaro) Com licença.
Realmente a Senhora Elza deve estar muito
abalada com o facto. Muito nervosa e vai ser
finto que a perseguir, mártirias agora com
seus interrogatorios suas há uma pessoa que talvez
nos podesse dizer coisas muito interessantes
a respeito do desaparecimento desta joia.

Delegado. Quem é ella?

Gabriel (com ironia amarela)

Alvaro - Falle Gabriel.

Gabriel - A Senhora Minini.

Delegado - Sr. Alvaro, tenha a bondade de mandar
vir a minha presença.

Alvaro - (a Gabriel) Faça-a vir até cá.

Gabriel bate a sineta e o criado apparece.

Gabriel - Diga a D. Minini que o Sr. Alvaro
deusa fallar-lhe. (Criado sai).

Alvaro - Porque suppõe você que Minini não possa
relatar alguma coisa sobre este roubo?

Gabriel - Porque foi ella, afinal, quem guardou as joias
no cofre e fechou-o no armadio, guardando
a chave consigo.

Alvaro - Minini está accusada de qualques sus-
peitas, Gabriel.

Gabriel - Perdão, Senhor Alvaro, não quis insinuar
que podesse ter sido ella a autora do
roubo, lembrei apenas que seria a pro.

veritabeli ao Sr. delegado as suas declarações.

Delegado - Sem dúvida

(Mimmi entra e ao ver seu extranho
sicha a physionomia, começando a responder
as perguntas com visível mau humor)

Alvaro - Mimmi, este senhor é o delegado de
polícia que quer fazer - e algumas perguntas
sobre o desaparecimento das joias de Elsa.

(Mimmi não responde e para-se em attitude
francamente hostil)

Delegado - Dona Mimmi.

Mimmi - (ataltando-o) Guilhermina, Guilher.
mina Nunes. Mimmi na vicinidade.
mas sóo apenas acabamos de ser apronta
dos.

Alvaro - Eu é isso Mimmi. Seja mais cortez.
Lembre-se que o Sr. delegado é meu amigo
e que veio aqui auxiliar - no a descobri
o ladrão das joias de Elsa.

(Mimmi não responde. Continua de mau humor)

Delegado - Pois dona....

Mimmi - (ataltando-o) Guilhermina.

Delegado - Dona Guilhermina, a fra vai me dizer
tudo que se passou no quarto da senhora
Elsa, desde ontem à noite, quando volta
vem do Theatro. (Ella permanece calada)

Alvaro - Falle Mimmi

Mimmi - Chegamos quasi à meia noite. A mimmi
na de despiu, tirou as joias e deitou-se
Eu ficando as joias no cofre, arrumei

as roupas como de costume, quando o cofre
do armário, apaguei e luz e fui deitar-me.
Hoje de manhã quando fui abrir o cofre para
fundar um anel que ficara de fora verificou
a falta do collar e outras joias mais. E isto

Delegado - É a Senhora Elsa durante a noite do seu
fui qualque baulho, qualque ruido suspei-
to?

Mimmi - Não sei, mas acho que si tivesse sentido.
teria dado alarme, é claro.

Delegado - É exacto!...

Mimmi - Passa utras-me? Eu preciso attender
a menina que está lá.

Jabriel - Tuu momento? Mimmi. Conte ao Sr. Delegado
aquella historia do collar de Maria Antónia
ta.

Mimmi - Eu não acredito que o Sr. Delegado te
deia vindo aqui para apreender commisso
a historia das ranhas de Trauca.

Jabriel - Mas eu estou certo que elle a achava
bem interessante, contada pela Sr.

Alvaro - Que é que voce pretende insinuar,
Jabriel?

Jabriel - Que D. Mimmi sabe quem foi o auctor
do roubo.

Mimmi - Mentira!

Alvaro - Porque?

Jabriel - Porque ella disse a mim ^{não faz}
~~hora atrás~~ talvez meia hora.

Mimmi - Mentira! Referia-me ao collar da

- rainha.

Gabriel - Lembra-se daquellas duas phrases que disse ha pouco? "Odiar eu já sei. O que la para nunca me exigiram".

Mimim - (ameaçadora) Eu já disse ao Senhor que me refiro ao Collar da Rainha. Não me faça perder a cabeça.

Delegado - Sr. Gabriel, faça vir a minha presença a camareira a que o meu Alcaide Alvaro fez referencia ha pouco.

Gabriel - Pois não. (Toca a sineta. O criado apparece.) Chame a Maria que vem até aqui o sabido. (O criado retira-se.)

Mimim - (Chegando-se a Gabriel) Diga-me, por que tanto empunho da sua parte em descobrir o auctor do roubo. Prometteram-me commistria?

Gabriel - E porque tem a senhora Tamaúho interesse em esconder o seu ~~verdadeiro auctor~~ ~~autor~~, sabendo quem elle é?

Mimim - Vá ás favas, avião? Seu Antipathico... (Maria entra nervosa aturada e fofando constantemente para Mimim)

Maria - Chamou patrão!

Alvaro - Chamei sim. O Sr. Delegado quer fazer-lhe algumas perguntas.

Maria - (Muito nervosa e fallando muito depressa) Eu não sei de nada, patrãozinho.

2/10

Eu já, dormi a noite toda. Eu não
vi nada por parte do senhor (Benja-
o Pedro em casa) Pela noite deu-lhe
do Rosario. O Sr. delegado pede exami-
nar a minha mala.

Alvaro - Soube rapariga, feche a talua, nada
lhe aconteceria. Responda apenas ao per-
fume do Sr. delegado. (Maria permanece
nervosa, torcendo o avental, e olhando cons-
tantemente para Mimi, que lhe faz
sinaes, quando possível)

Delegado - Esteve no quarto de sua patroa esta
manhã?

Maria - (Olhando para Mimi, antes de responder)
Esteve sim senhor.

Delegado - Não notou nada de anormal por lá?

Maria - Não senhor.

Delegado - O que é que foi fazer no quarto de
sua patroa?

Maria - Levar o café.

Delegado - E tudo estava como sempre!

Maria - (nervosa) Estava, sim senhor.

Delegado - (com voz mais forte) Tudo estava como
sempre?

(Maria fica embarracada. Mimi socorro-a.)

Mimi - (Grônica) Não senhor, a cama esta-
va pendurada na janela para arejar.
Não foi Maria?

Maria (irreflexivamente) Foi sim.

Alvaro - Mimi, cale a boca. Não interrompa.
(Mimi começa a resmungar).

Delegado - Fale a verdade Mimi, se mentir
será pior para voce. Responda. Não haer
nada de extraordinario no que a sua
pátria esta fazendo.

(Maria desata a chorar e não responde.
O delegado levanta-se e vem a ella).

Fale, seu recio, nada lhe acontecerá,
Diga. O que foi que notou de extraordi-
nario.

Maria (chorando) A pátria não quer que eu
falle.

Alvaro - Mas voce precisa fallar. Diga.

Maria - Tinha uma garrafa de champagne
vari quasi varia e duas taças.

(surpresa geral. Todos trocam olhares.
O delegado sacode a cabeça assim como
quem tivesse encontrado o X do problema.)

Mimi - Maria, voce é bem idiota. Entao o cham-
pagne e as taças são alguma coisa de extraor-
dinario? Você não está cansada de saber
que eu e a sua pátria temos o Cham-
pagne todas as noites?

Alvaro - É inutil o seu esforco, Mimi. Eu
necessito saber a verdade, Mimi. Eu
tenho que saber a; voce comprehende
Mimi.

Jabriel - O tra parecia compreender quantos sup-
posições nos tempo e direito de fazer diante
da sua persistência em esconder o nome
do verdadeiro culpado. Já todos compreenderam que
a subora esta procurando ocultar uma falta de Sr. Elio.
(Mimmi que estava calada, pensando,
estranhos como que tocado por uma moeda
e investiu contra Jabriel aos gritos)

Mimmi - O Sr. Elio muito enganado, ou não? O Sr.
esta muito enganado. A minha filha
não comettera falta nenhuma. Deu a lavan-
dade apenas. Um sapoticho a que eu cedi,
infelizmente. O culpado sou eu não é ella

Pelejado - Conte nos o que se passou. (Mimmi fica calada)

Alvaro - Felle Mimmi.

Mimmi - Ella estava ha muitos dias encurtada
com a voz de um artista do radio e então
resolveu telephonar para elle a fim de
pedir-lhe que fizesse uma sermão
para ella. Elle concordou e veio fazer
o sermão. Ella insistiu em mandá-
lha, eu achei loucura mas por fim
concordei. Elle entrou e eu servi chá e
papue a elles conversaram um pouco
e depois elle foi embora.

Alvaro - Isto é phantastico!

Pelejado - E enquanto elle permanencia esteve sem
pre acompanhado ou deixaram-no
so' alguma vez?

Mimmi - Sim, ficou só no momento em

2/13

Que furoo buscar Champagne.

Delejado - É o nome deste homem, você sabe?
(Mimimí fica calada)

Alvaro - Poja, Mimimí, sabe o nome?

Mimimí - Sei.

Delejado - Como é?

Mimimí - Clóvis Barroso. (Com uma cadu-
ra, extenuada.)

Delejado - (Tomando nota numa liureta) Já apra
seu fácil recuperar as férias. (Levanta-se)
Meu amigo, até logo. Mais tarde telefone
para mim. (O delejado sai, Maria acompanha)

(Mimimí levanta-se e seu pesada-semente)

(Alvaro permanece calado, triste, enquanto
Fabrício o observa)

Alvaro - Parece mentira que a minha filha
(Põe as mãos na cabeça, desesperado)

Fabrício - Ora, Sr. Alvaro, levantado de boca.
A culpada é D. Mimimí. Devia ter fliti ver
a ella que aquillo não ficava bem.

Alvaro - (depois de uma pausa) Não Fabrício,
Mimimí não tem culpa de coisa de
nada. A culpa é, minha mãe. Eu é que
sou o culpado. Não devia ter educa-

2/14

do a minha filha da forma que a eduquei
satisfazendo-lhe todos os seus caprichos.

Gabriel - Talvez tenha sido este um dos seus
caprichos mais caros.

(Elsa surge na porta, atviva, desfigurada, e fer-
mamente um instante para o seu olhar para
Dra. Depois Elsa significativamente para Gabriel,
extravassando odio em seu olhar. Gabriel tenta
falar mas ella impede-o.)

Gabriel - Elsa...

Elsa - Não diga nada. Eu não o perdoarei ja-
mais. (Lançando depois lentamente
seu olhar ao pai que olha prunheiro
com uma censura no olhar mas aos
poucos a sua expressão vai mudando, elle
vai se interpondo e falla por fim):

Alvaro - Minha filha, porque fizeste isto?

Elsa - (Quasi chorando) Não sei, Papae.
(Abraça-se a elle e começa a chorar baixinho
no seu peito.)

Alvaro - Não chores, filhinha, não chores.
As tuas foias são de ser encontradas
e se não forem eu te comprarei
outras.

Elsa - Não é pelas minhas foias que

2/15

eu utra chorandi, Papae, E' per elle
Papae, per Elle

(desatu a solucas perdidamuto)

Pauuo

3º Acto

Quanto Scenario do 1º acto, Soam 3 horas da manhã na terra proxima. São decorridos dois meses desde a noite do roubo. Repete-se a scena do 1º acto: um homem mascarado escala a sacada e projecta a luz da lanterna para dentro do quarto quando a luz se projecta sobre o rosto de Elsa que dorme tranquillamente este vira-se na cama com fimando o seu somno profundo. Oladrião assusta e escolhe-se para um canto da favela. Momentos depois elle projecta novamente a luz da lanterna para dentro do quarto e veudo que Elsa continua a dormir abre a favela e passa com todo o cuidado para dentro do quarto. ^{Terminando algum tempo a} ^{contemplar o semblante de Elsa e depois} tira um pacote e uma carta de dentro do bolso e colloca-os sobre a mesinha de cabeceira. Este seu gesto, parece fazer com que caia ao chão um pequeno vaso com flores que ha sobre a mesma mesa e Elsa senta-se micontinente na cama, dando um grito puzustioso. Elle aponta-lhe o revolver quando ella já está de pé e falla-lhe, nervosamente)

Elle - Não me denuncie, preciso fallar-lhe. Diga que foi um susto e faça com que todos se retirem, lembre-se que estou de revolver na mão, qualquer reacção de sua parte podera resultar em tragedia. (Corre para tras da cortina) ^{depois de ter escondido o pacote e a carta dentro do guarda da mesinha de cabeceira,} Sempre de revolver na mão. Fuzodum o quarto o pai de Elsa, Minnie, Maria e o velho mordomo. Todos afflitos e assustados).

Alvaro - O que foi filha? (Mimimí acende a luz)

Mimimí - O que foi, minha querida?

Elsa - (Esforçando-se por conservar-se calma)

Nada, Papae, nada Mimimí, apenas um susto.

Alvaro - Ouviste algum barulho, talvez? Alguma sombra?

Elsa - Não Papae, nada disto. Foi um sonho que eu tive. Um sonho horrível. Acordei-me com o meu porro frito.

Mimimí - Está nervosa, minha querida.

Elsa - Já passou, Papae, já passou tudo, não tenho mais nada.

Alvaro - Será talvez, melhor que Mimimí fique aqui com você.

Mimimí - Sim, minha querida eu ficarei.

Elsa - Não, Papae, não Mimimí, não vale a pena. Foi um susto, já passou, não há necessidade de se incomodar por minha causa. Não tenho mais nada.

Maria - Patrasiinha, quer que lhe faça um chá de laranja, quer?

Elsa - Não Maria, obrigada, não é preciso, ~~eu~~ Pode ir deitar-se. Você tem que se levantar cedo. Vá, vá deitar-se.

Maria - Sim senhora Patrão, eu vou, sim senhora. (Não sai do lugar, assustada)

Mimimí - (dirigiu-se ao maldom) Vá você também.

bem dormir.

Creado - Sim, senhora, boa noite.

Maria - (dirigindo-se ao criado) Infirio voce me levou até o meu quarto, não?

Creado - Porque?

Maria - É que o ladrão podia estar escondido ali pelo corredor.

Mimim - (que ouvira o dialogo) Que bobagem é esta, mimina, não tem ladrão nenhum, vá dormir.

Maria - Sim, senhora, D. Mimim, eu vou. (dirigindo-se ao criado) Vamos! (Saem ambos)

Alvaro - Minha filha, voce precisa attender mais o seu Pai. Vocé anda triste, abatida, e muito preocupada. Sua viagem far-lhe-á bem. Concorde comungo em passar uma temporada em Buenos Aires ou na Europa. Custa-me bastante separar-me de voce, creia, mas ~~para~~ sendo para o seu bem eu faço qualques sacrificios.

Elsa - Obrigado, Papae, não é necessario eu estar bem. Realmente, foi muito grande o golpe que soffri e o meu systema nervoso ficou bastante abalado mas já me sinto mais reanimada e creia que dentro de poucos dias nem mais me lembrarei do facto.

Mimim - Maldista Serenata. Ah! si me deixassem fallar com aquella sen'horinha.

Ella - Mimi, por favor
 Mimi - Meu cunhado que continua a se dizer um
 santo e a negar que tivesse ~~em~~ vindo contar
 uma sermão. Maldita sermão, Auger!

(Beuge-se)

Elsa - Mimi por favor, peço-te, não falemos
 mais deste facto.

Mimi - Eu fico indignada. Sinto que o sangue
 me sobe à cabeça cada vez que fallo naquell
 le bandido. É o que eu não posso comprehend
 der e ~~como~~ ^{que} você tivesse feito tamanho cu-
 pado em procurar esconder o verdadeiro
 culpado.

Alvaro - É natural, Mimi, que minha filha tivesse
 querido evitar o escandalo. Da forma que
 o facto se passou ella teria perdido muito
 menos si houvessemos guardado segredo.
 Denunciámos o culpado, elle está preso
 mas de que serve as joias não foram
 encontradas e todo o mundo tece os
 comentarios que estuda a respeito
 do roubo e da entrevista nocturna.

Ella - Papae, peço-te, não falemos mais neste
 assumpto. Quando eu começo a querer
 esquecê-lo da de sempre chifra a guem
 para não fazer lembrar.

Alvaro - Deus rasã, filhinha, não se falla
 mais no assumpto.

Elsa - Vai dormir, meu Dae, e tarde.

Alvaro - Vou sair, minha filha, até amanhã.
 Dormo desacomodada. O Mimi ficará
 contigo. (Beija-a) Ah, te estás com
 as mãos geladas.

Elsa - Estou sentindo um pouco de frio.

Alvaro - Deita-te, minha querida.

Elsa - Sair, Pai, até amanhã.

Alvaro - Até amanhã. (Sai.)

(Mimi sobre Elsa completamente e frei
 sentada perto da cama, acariciando-a.)

Elsa - Mimi, vai dormir, eu estou bem.

Mimi - Só irei depois que tiveres dormido.

Elsa - Apaga a luz, então.

(Mimi apaga a luz e vai fechar tam-
 bem a cortina mas Elsa dá um pulo, seu-
 tando-se rapidamente na cama)

Não Mimi, ah não.

Mimi (muito admirada) Que é isto minha
 filha?!...

Elsa - É que tu queres fechar também a
 cortina e ~~o quarto~~ o quarto ficaria com-
 pletamente às escuras. Eu detesto a escu-
 ridade, tu sabes.

Mimi - Mas eu poderia fechar a cortina e ~~deitar~~
 a acender a lampada da cabeceira. Isso
 melhor.

Elsa - Não Mimi, assim está bem, prefiro

3/6

Elle - ~~Pois aqui está.~~ (Levanta-se e cumprimenta
mas Pois e verdade.

Ella - E como conseguiu escapar do prisão?

Elle - Eu nunca estive preso.

Ella - Como assim?

(Elle levanta-se e vai à mesa de cabeceira tirando o pacote das jóias e a carta que ia deixar junto. Ao virar-se Ella está com o revolver na mão, apontando para elle) Não se mova. Se der mais um passo eu seré um homem morto.

Elle - (~~Sorrindo~~) (Sorri sem acreditar que elle seja capaz de cumprir a ameaça)

E' assim que você corôa uma boa acção?

Elle - Diga imediatamente quem é o senhor. Tire essa máscara, vamos. (Elle obedece) (Olham-se longamente nos olhos um do outro e por fim Ella perturba-se) Diga quem é, por favor, não me torture mais, eu acabo enlouquecendo.

Elle - (Entregando-lhe a carta e o pacote de jóias) Esta carta explica tudo. (Elle deixa o revolver em cima da cama e lê a carta nervosa. Por fim sente-se na cama e desata a chorar).

Ella - Isto é horrível, meu Deus, horrível! O sr. é um desalmado. Veja o que fez. Prende um homem inocente por sua causa. E agora, o que fui, meu Deus?!

Elle. Eu te deixarei o meu endereço
 (Além o paraco tira um lapso e um pedaço
 de papel e escreve um endereço)
 Você telephone para este numero Atendentes
 o Bar Continental. Você peça para falar
 com o Alcibiades. É um sobrinho meu
 que é muito bom lá, & diga-lhe, depois que
 dê um recado para o tio dele, o Mario Duarte
~~deseja falar com~~ para que lhe encadernem duas ou quatro
 livros, é o quanto basta. O numero de livros será
 a hora que eu deverei vir. Está combinado?

Elsa - ~~Sim~~ Combinado. (levanta o Colchão e põe
 o papel em cima do papel).

• Elle - Adeus, Elsa, perdão, me.

Elsa. Adeus, Mario. (Elle abraça a novamente
 e ella suspira na bocca).
 (Elle põe a sua pela janela e ella
 fica por dentro dos vidros a olhar para
 o jardim por onde elle se sumiu e
 conta novamente a sua confissão de
 amor, terminando a chorar loucamente.)



4º Acto

(O mesmo gabinete do 2º Acto. Gabriel sentado ao bureau sobre a correspondência. Entra Maria com muita cautela e aproxima-se d'elle.)

Maria - Seu Gabriel.

Gabriel - O que foi?

Maria - Achou este papeldinho em baixo do colchão.

Gabriel - (Leudo alto) Telephonou para 4790, chamar o Alcibiades ao telephone e pedir para transmittir um recado ao seu tio Mario Duarte. E isto mesmo, Maria, deve estar aqui o X do problema.

Maria - Não se esqueça do que me prometteram.

Gabriel - Não me esqueço das...

Maria - (Rindo) Um homem apaixonado é capaz de tudo, Crede!

Gabriel - Maria, Maria, olha estas confidencias Commigo. (Maria vai sair) Espera aqui. Eu vou copiar isto aqui e tu vais botar este papel no lugar outra vez para não levantar suspei-
tas. (Copia o papel, guarda-o no

holos e dá o outro a Maria que vai botado
do novo em banco do Colchão. (Os ficaram
Gabriel nos ao telephone e desio.)

Ésto quem fala? (Concede, he sempre o Arri-
tidas está? Faza o favor de chamar o
Sim. É um recado para a casa delle.
(Pausa) Aristides? M. faço o favor de
me dizer, o seu tio Mario Duarte está traba-
lhando agora? Não, está desempregado!...
Que que serviço elle continua trabalhar?
Encadernador? Aqui falla um conhecido del-
le. Não vê que eu talvez comsiga algum
trabalho para elle mas não diga nada
por enquanto, deixo-me arranjal-o por
meio. Amanhã eu fallarei com você

outra vez. Obrigado. # Adeus.

(Gabriel fica a bater com o lapis na mesa,
como que marcando o ritmo dos seus
pensamentos. Entra Alvaro, agitado.)

Alvaro - Você já fallou com o advogado
para o juramento condicional do ho-
mem? Minha filha eu louquece si
elle permanecer preso mais dias ou
frez dias.

Gabriel - Sim, senhor Alvaro, está tudo ar-

paupado O homem Sahira hoje ^{meu} ~~se~~ ^{duas}
~~trouxe a notícia de aqui ha pouco~~ ~~se~~ ~~foi~~ ~~recebi~~ ~~instrucção~~
 para ~~mandar~~ ^{mandar} o auto ~~especial~~ ^{especial} da sahi-
 da ~~de~~ ^{de} ~~trazet-o~~ ^{trazet-o} ~~pa~~.

Alvaro. Temor que fazer por elle o que nos for
 possível. Afinal, dei graças ao pobre coi-
 tado. É o que eu não posso comprehen-
 der s' ~~foi~~ ^{foi} a razão porque o verda-
 deiro gatuno devolveu as foias a mi-
 nha filha.

Gabriel. Por uma razão muito simples, Sr. Al-
 varo. apaixonou-se por ella.

Alvaro - Mas isto é uma loucura. Minha
 filha não poderia concordar com uma
 coisa destas. E de mais ella gostava
 do cantor; do accusado innocente.

Gabriel - Sinto Contrariar-o, Sr. Alvaro mas porque
 motivo, então, procura ella occultar o nome
 do verdadeiro criminoso?

Alvaro - Caprichos, Caprichos de mulheres. Elle
 devolveu-lhe as foias, ella ficou agra-
 decida a elle e acha que não deve
 revelar o seu nome para que não lhe
 façam mal.

Jabriel - Mas deveria direlho. O meu pan
 que com a sua confiança, heiparale comple-
 taente qualque sombra de duvida
 que ^{podesse} reitasse sobre o nome de Alvaris Pansa.

Alvaro - Ella e caprichosa, não dize. (Pansa)
 que le de novo na correspondencia?

Jabriel - Nada de maior. Do Banco do Brasil.
 e' que telephonaram soliciitando a sua
 presença na reunião, ~~da reunião de hoje.~~

Alvaro - A que horas e'?

Jabriel - As tres horas.

Alvaro - (Olhando o relógio) esti na hora, cutar.
 Qualque coisa telephone para lá.

Jabriel - Sim Senhor. (Alvaro sai).

~~Mimimí entra~~ (Mimimí entra, vendo que está
 só Gabriel vai sair por onde entrou quando este lhe
 falla).

Jabriel - Desejava alguma coisa?

Mimimí - Sim, desejava, mas agora não desejo
 mais. (vai sair)

Jabriel - Escute D. Mimimí.

Mimimí (parando) Sim senhor, faz favor, eu só
 admitto que me tratei com intimidade
 as pessoas a quem quero bem.

Jabriel - Mas he algum tempo a Foz a Senhora

Conscientia que lhe tratam, pois Mimiú, Desejo,
 outro de quem me vou?

Mimiú - O Sr. é muito portunado. Eu nunca pude
 querer-lhe bem. Conscientia que me tratam
 com intimidade por que o fulgão assim...
 um inoffensivo. Mas desde que o Senhor
 se revelou tal qual o Sr. é, me queimou, me
 saturo, meu, tenho-lhe horror, avião, hor-
 ror. Antipathico.

Jabriel - O que eu fiz não justifica as expressões
 que a fra acaba de usar. E depois eu estava
 no meu papel. Defendendo os interesses
 do meu patrão.

Mimiú - Eu não sou nenhuma tola, avião? O seu
 interesse é que o Senhor defendia e
 não o do seu patrão.

Jabriel - Pois bem, D. Mimiú...

Mimiú - Guilherme. Já lhe disse que não que-
 ro intimidades.

Jabriel - Pois bem, D. Guilherme devia, com tudo,
 perdoar-me porque foi o amor que me
 fez proceder daquela forma.

Mimiú - O amor? Não Senhor, está muito en-
 fanado! O amor, quando é sincero e
 verdadeiro e capaz das maiores altrui-
 zas, ^{e capaz de tudo as} das maiores renúncias. Se você ama
 se é verdadeira e sincera, com um amor
 puro, sincero, desinteressado, você tem
 feito tudo para o bem da alma que

com o sacrifício da sua própria felicidade.
 Não me lembro no meu tempo a
 paixão era assim. (A campainha da
 rua toca duas vezes) Não

Miriam - (Chegando à porta e gritando para dentro)
 Maria, olhe a porta Maria.

(Maria vai atender, Miriam sai)

Chauffeur - (Chegando à porta do escritório)

Seu Gabriel, o homem vem aqui mas vem
 a pé. Recusou o auto. Disse que não
 quer nada desta festa.

Gabriel - Está bem, pode ir. (O chauffeur sai)

(Maria vem de volta da porta)

Maria, daqui há pouco deve chegar aqui
 um homem pedindo para falar provavelmente
 te com o Sr. Álvaro ou com a filha. Você man-
 de o auto para cá e não diga nada a
 D. Elsa até que eu mande Chamael-a.

Maria - É mais outra, é, Seu Gabriel? Quanto
 é que eu levo nesta?

Gabriel - Depois nos combinamos isto.

Maria - Lembra-se que ainda não me pagou o que
 prometteu quando do bilhete

Gabriel - Eu sei, eu sei, não tenha medo que
 eu lhe pague. Quando eu prometto
 eu cumprimento.

Maria - Então quer dizer que chegou de novo

homem ali quando eu e perseguindo pelo
 patrão ou a patrão eu digo que estáo.

Gabriel - É isto mesmo.

Maria - Mas o patrão sabe.

Gabriel - Não tem importância, você diga que
 está e mande entrar.

Maria - Muito bem. Mando entrar para lá
 e não avise nada a patrão.

Gabriel - Só quando eu disser a você.

Maria - Escute seu Gabriel e si a patrão per-
 guntar quem foi que chegou?
 (campaísta)

Gabriel - Está ali, elle, está ali elle, Maria,
 vá abrir, depressa.

Maria - Mas si a patrão perguntar quem foi
 que bateu, seu Gabriel.

Gabriel - diga que foi um indente qualquer coisa
 vá depressa, Maria, abra a porta a um
 vez! (Maria sai.) (Gabriel arruma-se
 todo no bureau. Maria volta conduzida
 de um rapaz moreno de 24 ou 25 annos,
 pallido, de barba crescida, clauda a um por-
 são de um dente que acabou de fugir de
 uma grave enfermidade) (Elle entra de
 Testa, focando o olhar e todo com ran-
 cor.)

Gabriel (atencioso) - O Sr. é Clóvis Parrão?

Clóvis (resposta) - Sim, sou eu mesmo.

Gabriel - Tenha a bondade de sentar-se.

Clóvis - Não. Eu dei mesmo de pé o que tenho a dizer. Quem é o Senhor?

Gabriel - Sou o Secretário do Sr. Alvaro Lourenço.

Clóvis - Bem, neste caso peço-lhe que chame o Sr. Alvaro mesmo ou a sua filha. Não lhes roubará muito tempo. Tenho apenas de dizer-lhes duas palavras.

Gabriel - Mas talvez, antes de falar com elles tenha interesse em ouvir-me.

Clóvis - Não também lamentar o que me succedeu?

Gabriel - Talvez ~~o~~ ^{esta} ~~caso~~ seja eu, o único que o lamenta sinceramente. Mas deixo de lado o sentimentalismo. Vou oferecer-lhe o meio de vingar-se dos desalmados que o preferiam na cadeia innocente-mente. (Os olhos de Clóvis brilharam de satisfação) Vou dar-lhe o nome do verdadeiro ladrão que elles desejam occultar porque é o homem a quem a Srta. Elsa entregou o seu coração. Vingue-se, meu amigo, vingue-se ^{sem} piedade porque elles também não tiveram piedade de si. Eu ^{vou} dar-lhe, se todos os dados necessários não para a sua vingança peço o Senhor

4/8

Não fará a menor referência ao meu nome.
Nem mesmo p[er] forma como conseguia
descobrir a verdade. Eu seria despe-
dido e o Sr. Tereza pagou o bem que lhe
quero fazer com uma mal-muita fraude.
Promette que nada dirá sobre mim?

Clóvis - Prometto.

Gabriel - (Ditando o papel do bolso e dando-lhe
um lapis e um pedaco de papel)
Escreva com a sua letra. Mario Duarte,
telephone 4790 não, espere um pouco.
(vai ao telephone e devolve) Alô. É do
Bar Continental? Sr. me faz favor de
chamar o Aristides ao telephone, seu?
Obrigado. (Pausa) Alô! É o Aristides
alhe voce me faz o favor de dar o
endereco do seu tio Mario, o seu ender-
eado? Rua Christovam Colombo 1431. Eu tenho
um servico para elle e vou mandá-lo lá,
Obrigado. (desliga) Está aqui.
Escreva. Mario Duarte

Clóvis - Já está

Gabriel - Rua Christovam Colombo 1431.

Clóvis - (depois de escrever) Está

Gabriel - E agora ainda deseja fallar com
a Senhorita Elsa? O Patrão não está.

Cloris - em algum vel. a. Elle nunca quis
avistar-se por mim, mas hoje não terá
remedio. Delepo forhecel. a para p.
deu foras melhor a minha virgãu.

Gabriel - Bem, neste caso eu vou chamar a
empregada e mandar annunciá-lo.
Eu seihei e não esqueça não faça
a menor referencia ao meu nome
nós não nos encontramos, nem
nos conhecemos. (Bate o tympano)

(Mania attende). Maria, Eu vou
saber e este senhor esperará a sua
patriã aqui. Dija-lhe que pensa ser
o advogado e ella verá correndo.
Mas olhe não esqueça eu não estou
aqui nem o conheço tao pouco.
(dirigindo-se a Cloris) Não se deixe com-
mover pelas lagrimas della. Ella chora
muito facilmente e não esqueça, heim,
cuidado. (sae)

Maria - Vou chamar a patriã (sae)
(Pausa) Cloris começa a exami-
nar tudo detidamente e depois olha
o papel onde tomou os dados que
Gabriel lhe deu. (Entra Elza, num
elegante vestido de tarde, e fica parada
à porta assim como quem depara

com alguém que não conhece a sua presença na
 a sua melhora grande felicidade
 Clóvis - (Dirigindo-se a ella) É a Senhorita
 Elsa Sousa!

Ella - Sim.

Clóvis - Não reparo o meu desalinho. Sabe tão
 apurado que nem ~~mesmo~~ tive tempo de
 fazer a barba.

Ella - Sente-se.

Clóvis - Obrigado. Estou bem de fé. A minha
 memória é pouca.

Ella - Com quem tenho o prazer de fallar?

Clóvis - Não reconhece a minha voz?

Ella - Não está bem lembrada Mas a sua
 voz não me é estranha.

Clóvis - É possível que ella esteja mudada
 (Camarão) Dois mezes de soffrimento ~~deve~~ ^{deve} ter
 modificado, com certeza (Ella começa
 a arrefalar, os olhos como quem está se
 conhecendo alguém) Mesmo assim si eu
 agora fantaseasse aquella valsa "Capricho"
 (gesto de surpresa e susto, de Elsa) talvez
 que lhe fizesse lembrar um facto que já
 deve ter esquecido mas do qual eu me
 lembrarei em todo o resto da minha
 vida.

Ella - (quasi num sussurro) Clóvis Barroso.

Clóvis - Sim, ^{Clóvis Barroso sim.} O homem que a Senhora, por um
 Capricho, resolveu matar de tristeza e de

4/11

vergonha. O homem que era feliz, que vivia
cantando, e que ^{Sita} quis fazer um desgra-
çado. O homem que era um homem, um
i que ^{Sita} transformou numa sombra.

Elsa - Perdese-me Clovis, eu não sou culpada.
Foi a fatalidade que me atirou contra
você. Si soubesse como tenho soffrido!...
Mas eu quero reparar de qualquer forma
o erro que cometti. Diga o que devo fazer
para isto e eu o farei com toda a alegria,
com toda a satisfação. Que é que você
quer, diga.

Clovis - A tranquilidade que ~~me~~ Sita me roubou.
A pureza da minha alma que a dita enve-
nenou, transformando-a numa enseada
de amargura e de revolta. Quero o meu
nome honrado que a senhora manchoa
para o resto da ~~meu~~ vida com sombra
da desconfiança e da duvida. ~~Quero~~
(exaltando-se) Quero tudo, senhora
tudo aquilo que ~~eu~~ tenho direito,
~~e~~ tudo aquilo que era meu e
que me foi roubado. (Elsa está chorando,
sentada na poltrona)

Elsa - Eu procurarei remediar o mal em
tudo quanto for possível, ~~meu~~. Diga,
por favor, o que devo fazer, ordene.

Clovis - Declarar em todos os jornais da cidade
a minha innocencia e revelando no-

4/13

me do verdadeiro ^{criminoso} para que não vira
para mim a ^{gambra de duvida} sombra de duvida.
(Ela leva seu Chapéu) Isto não é possível,

Clóvis - Se eu não sei quem elle é. Mas se até Cham-
pagne tomaram junto ^(significativamente) seu seu quarto de dor-
mir, como é possível que não saiba quem
elle é.

Elsa - Elle apresentou-se com o seu nome e
estava de uauarado.

Clóvis - E não tirou a mascara?

Elsa - (faz signal negativo com a cabeça)

Clóvis - Deu mesmo no momento de bajal-a?

(Elsa levanta-se como que impulsionada
por uma mola)

Elsa - Sr. Clóvis, não admitta que me
falto o respeito.

Clóvis - (ironico) Incommodou-se, hein? Então
não sabe o seu nome?

(Elsa sacode a cabeça negativamente)

Pois bem eu o disse. Chamou-se Mario
Duarte.

Elsa - (murmura) Mentira!

Clóvis - Foi elle sim, e você o sabe muito
bem... E vai declaral-o pelo jornal.
Eu quero, eu exijo!...

Elsa permanece mumbida com os olhos
parados, sem pensar, sem sentir, completa

mente alheia a tudo. Depois como que
acordando de repente eu que se encontra
ella encara Clovis e ~~falla~~ ~~lhe~~ ~~começa~~
a fallar muito lentamente).

Ella - Jais bem, Clovis, é verdade foi Mario
Quartesium. Mas elle não é máo creia, e
arrependeu-se de que fez. Vou entregui^{lhes} as joias
logo que souber que havia um homem ~~cuckum~~
de pena em seu lugar. Eu perderei e você
deve fazer o mesmo.

Clovis - Elle veio devolver. ~~che~~ as joias porque
a ama. E você perdou-o porque também
o ama.

Ella - É verdade Clovis, eu o amo e estou dis-
posta a fazer por elle todos os sacrificios.
Ordens que eu obedecerei, mas poupe-o,
supplico-lhe, de ser preso. Elle quer rege-
nerar-se, ajude-o Clovis.

Clovis - Se esta visa exclusivamente a sua felicidade,
Compreende que não pode viver sem elle
mas ~~compreende~~ ~~também~~ ~~que~~ ~~lha~~ ~~pedira~~ ~~um~~ ~~se~~
a um homem que a ~~sua~~ sociedade inteira
conheça como ~~lattera~~ sentenciado.

Ella - Não, não é isto por isto, creia, agora eu já não
o abandonaria em hypothese alguma.
É por elle que lhe peço, tenha piedade Clovis.

Clovis - Esquece-se que ninguém teve piedade
de mim. Eu vivi dois mezes de martyro
dentro de uma prisão onde elle devia

estas. Desprezaram a minha vida! Foram
cancelladas. Todos os meus contractos, desfeitos
o meu nomeado e o peso de tudo os formos
espalharam para toda a parte do mundo
que ~~o~~ ^o ~~meu~~ ^{meu} Barros, o nome da vez de ouro,
era um ladrão de fijas, vulgar.

E embora eu tivesse negado, jurado e até
mesmo (fingendo) me barbaressa a implorar
misericordia, encontrei retrahidos, ~~os~~ ^{os} ~~seus~~ ^{seus} ~~parentes~~ ^{parentes}

^{de todos os} ~~os~~ ^{os} ~~seus~~ ^{seus} ~~parentes~~ ^{parentes} ~~que~~ ^{que} ~~o~~ ^o ~~meu~~ ^{meu} ~~milionario~~ ^{milionario} ~~seu~~ ^{seu} ~~escrupulos~~ ^{escrupulos} ~~espalhava~~ ^{espalhava}
a máscara para que fosse condemnado um
innocente. Meu deus perdoar, devo ter
misericordia? Nunca!... (Ela soluca no bra-
ço da poltrona). Vri hoje mesmo a policia
~~declarar o nome de apontar o verdadeiro~~
culpado. (Faz bruscamente). (Ela permanece
a chorando. Entra Minnie).

Minnie - (Correndo para ella e abraçando-a)
Que é isto, minha querida, chorando outra
vez? O que te aconteceu? Falla.

Ela - Uma coisa horrivel, Minnie.

Minnie - Vamos, falla, diz o que foi, estás afflita.

Ela - Celvio esteve aqui. Disse-me coisas hor-
rivis. (Chorando fortemente) e vai
denunciar-o, Minnie.

Minnie - Tu disseste-lhe o nome.

4/15-

Elsa - Não. Elle já sabia.

Mimmi - Mas não é possível, só no decurso do sabianço.

Elsa - Elle sabe, Mimmi.

Mimmi - (Depois de reflectir) Quem sabe, desde que
da^{da} deivaste o papel ^{partido} ~~de~~ ^{de} elle foi saber
nas mãos do gentil Secretário do Sr. teu Paê?

Elsa - Não pôde ser, Mimmi. Botei o papel em baixo
do meu colchão e não mechi mais nelle.
É você sabe que ~~fulano~~ ~~fulano~~ entrou no meu
quarto. (Elsa Mimmi faz um gesto e uma
expressão de quem achou alguma coisa
que procurava com muito empenho).

Mimmi - Em baixo do teu colchão? (Elsa sacode
a cabeça affirmativamente) Yó sei.
Eu nunca me sugano quando penso as
coisas. (Vai à porta e frita para dentro)

Maria!... Maria!... Vêha cá Maria!.

Maria - (Entrando, meio aturada) Chamou, D. Mimmi.

Mimmi - (Chefando-se a ella amareada. Enqua-
to vai fallando vai ^{chefando-se a} ~~chefando-se a~~ ^{medica}
que Maria vai recuando) A quem que
você mostrou aquelle papel que estava de
baixo do pau da colchão da sua patão.

Maria - (Nervosa e vivendo sempre) Não fui eu, D.
Mimmi, não fui eu, eu fui.

Mimmi - Não fui! Eu vi quando você mexia
no colchão do patão. Agora é que com
prehenço o seu excessivo capricho na

anunciado de seu quarto dentro, cithinos dias.
Diga, a quem voce levou aquelle papel (Puxa-lhe
a orelha) diga Maria, voce apanta

Maria - Cei! Ai! P. Miumi, tu disse, eu disse.
(Miumi solta-lhe a orelha) Eu sou tua culpa,
foi o seu sabido que me deu

Miumi - Eu sabia. Vibra! (A campainha
toca, Maria tenta ir abrir a porta mas
chama a.)

Miumi - Maria, va lá para dentro, deixa a
porta que se attenda. (Maria vai para
dentro, Miumi vai atender a porta)
(Ela percebeu a chegada e frito. Miumi
volta com a gravata para as costas, e enun-
dando o fio de seu puice. rez. Esfrega depois
as mãos. Ela olha a como que interrogan-
do quem havia chegado.)

Miumi - (Baixando as mangas que havia arrega-
cado) Era elle, o infame. Terei a mi-
nha differença.

Ella - E agora, Miumi, que poderei fazer,
diga.

Miumi - Eu vou fallar com esse velho Barroso.

Ella - Não Miumi, não adianta. Foi tudo que
eu possivel. Elle é mau. Quer vingar-se.

Elle humilhou-me, disse cousas hor-
ríveis e sahio daqui ^{disposto a} denunciar-me.

Miumi - Elle te humilhou? Não, Elsa, tem pa-

Livro. Eu preciso falar com elle. Si de todo não
 conseguir de modo a hei de deixar-lhe uma carta
 branca minha. Donde he uma campainha!
 Elsa - Não Mimi, não vá, não adiantaria nada com
 isto.

(Mimi permanece calada, arruando o furo
 e a gravata) Escuta Mimi, tive uma ideia.
 Eu não quero que o Mario seja preso. Elle
 devesse fugir. Telephone agora, mesmo ao do
 bricho d'elle e diga-lhe que o faça vir aqui
 immediatamente. (Mimi vai ao telephone
 e quando está fazendo a ligação a campainha
 da porta bate. Ella põe o phone no lugar e
 ambas permanecem por instantes caladas, sem
 pensar. A campainha toca segunda vez
 e Mimi vai atender, voltando em seguida
 acompanhada de Mario que chefa recorro
 constrangido. Ella ao ver-o; levanta-se
 de um salto e corre para elle.)

Você chegan a tempo, Mario, eu queria
 mesmo fallar-lhe.

Mario - O meu sobrinho recebeu ontem uma telepho-
 nada de um homem fazendo indicações
 sobre a minha pessoa. Eu extranchei as
 perguntas que elle fez e tive um presente-
 mento de que aquelle telephonado se relaciona
 com o meu irmão e não descaerei em guarda
 não posso vir.

4/18

(Mário fica de guarda do lado de fora da porta, chestando de vez em quando, se for a ser vista pelo publico)

Elsa - Fex, beuu, delicias, fex muito beuu. Você tem que fugir imediatamente.

Mário - Fugir, porque?

Elsa - Porque do contrario será preso.

Mário - Como? Não, Elsa, não pode ser. Você prometeu que guardaria o meu segredo, Elsa, lembre-se que prometeu.

Elsa - É guardei-o, Mário, mas a fatalidade me perseguiu. ~~St. Lawrence~~ minha camarada encontrou aquelle pederasta que você me deixou e elle foi para as mãos do Secretario do Papa. Elle é um homem terrivel. Nesta hora a policia já deve estar em sua procura.

(Mário cae sentado, numa cadeira e permanece balado e abatido). Fuga, Mário, eu lhe peço. Vá para o estrangeiro. Eu irei depois eu. Confial-o.

Mário - (num sussurro) Minha mãe...

Elsa - Eu tomarei conta della, Mário, não tenha cuidado. Elle não commetterá mais. (chamando) Mário!... (muito apparece á porta) Vá ao meu quarto e tire todo o dinheiro que ha na minha bolsa

4/19

preto, dentro do armário. Fais também ab-
jurar as jóias pedras do meu cofre. As gran-
des pedras de ouro e pedras preciosas. Escrava-me
o cofre que esteja livre e eu lhe farei as
remessas necessárias até que nos encon-
treemos novamente. (Murmura Sa).

Mario - Mãe, Elsa, É inútil fugir. Toda a minha
quietão era ~~uma coisa~~ o meu nome.
É este está perdido. (Cuplisa as lágrimas)
A minha mãe me assusta, eu a quero,
lhe pago, em fim, todos os pecados que
cometi. Haverá sinceramente por você
e pelo minha mãe. (Chora).

Elsa - (Abraçando-o, apaixonadamente) Oh Mario,
Mario! O que vai ser de mim, sem você,
Mario.

Mario - Esqueça-me Elsa. Eu não sou digno
de você. Vá viajar, veja coisas novas e
o tempo a fará esquecer esta grande
loucura.

Elsa - Não Mario, não sairei daqui. Ficarei
para consolar e proteger a sua mãe velha
e para visitá-la sempre que me
for possível.

4/20

Elle - (Contentosissimo) Você fará ir, Elsa?

Elsa - Farei, sim, meu amor. (Regras-se longamente). E depois, quando você sair, casaremos e iremos para bem longe, bem longe, lá onde ninguém nos conhece.

Elle - Bem, Elsa, agora deixa-me ir. Deverei apresentar-me imediatamente. Será um atenuante.

Elsa - E a quanto tempo elles te condemnarão, meu querido?

Elle - Talvez dois annos.

Elsa - (Tristemente) - Dois annos!...

Elle - Mas elles passarão depressa.
(Lembra Mimi com a bolsa e o cofre)

Mimi - Está aqui, minha filha.

Elle - Não é mais preciso, minha boa camp.
Vou cumprir o castigo que me cabe.

(Mimi faz um gesto de quem não entende e as concordou) Adem, muito obrigado por tudo. (Para Elsa) Sarcia por

Deixa-me adormecido, ^{apoiado} para que

4/21

em leve sorriso para a pessoa o consolo
fúnebre do seu sorriso.

Elsa - (forçando um sorriso, enquanto as
lágrimas deslizam quietas pelo seu rosto
deifeto) Adem... Maria.

(Elle tae precipitadamente. Elsa
atira-se na poltrona a soluçar. Adem
peradamente. Minnie vem acompanyar.)

Minnie - Vamos, minha querida, corajoso.
Elle não ficará preso a vida toda.
Ha de saber um dia. Tem paciência.

Elsa - Mas Minnie, são dois annos, Minnie,
dois annos!... E tanto tempo!...
Tanto tempo!...

(Cae o pano)